



O PERFIL DE TIRADENTES

João S. Vieira

"A perfeita coerência e fidelidade de Tiradentes a seus ideais é indicado pela devoção à Trindade, Sincretismo do triângulo equilátero da sabedoria, símbolo da Maçonaria, expressão da trilogia IGUALDADE, FRATERNIDADE, LIBERDADE". (Autos de Devassa da Inconfidência Mineira - Vol. 9 - Páginas 116)

LOCAL E DATA DE NASCIMENTO

No que concerne à personalidade do Alferes JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER, numerosos são os registros firmados por pessoas que privaram de seu convívio, e todas as opiniões se coadunam no tocante ao local de nascimento.

Nasceu no Sítio do Pombal, à margem direita do Rio das Mortes, município de São João Del Rei, onde seu pai se dedicava à mineração e a algumas culturas agrícolas. Foi o quarto filho de uma prole de sete. O pai de Tiradentes não estava incluído no rol dos homens ricos,

mas era o que podemos classificar de "remediado". Não obstante, muito cedo, teve JOAQUIM JOSÉ de lutar por conta própria, devido ao óbito de sua mãe, em 1755 e, logo após, de seu genitor, em 1757.

Já aos quatorze anos ele andava empregado no serviço de tropas de cargas, que iam ao Rio e à Bahia. Anos depois já o encontramos trabalhando por conta própria, como comissário comercial, conforme consta de precioso livro de assentamento do próprio Tiradentes. Através dessas viagens, contactando com costumes e idéias diferentes às de sua terra, foi aprimorando seus conhecimentos, mer-

cê de seu temperamento indagativo e curioso.

Quanto ao ano de nascimento, temos encontrado divergências nos documentos da época. Seu assento de batismo foi lavrado nos seguintes termos: "Aos doze dias do mês de novembro de mil setecentos e quarenta e seis anos, na capela de São Sebastião do Rio Abaixo o Reverendo Padre João Gonçalves Chaves, capelão da dita Capela, batizou e pôs os Santos Óleos a Joaquim José, filho legítimo de Domingos da Silva dos Santos e de Antônio da Encarnação Xavier" (1)

À primeira inquirição a que se submeteu, o então Alferes Xavier, no ano de 1789, declara ter "41 anos de idade", dando entender haver nascido em 1748, e não mais em 1746. (2)

Contudo, o dia 12 do mês de novembro é tido como certo do nascimento de Joaquim José.

TRAÇOS DA PERSONALIDADE

Tiradentes era de fácil comunicabilidade, dotado de grande poder de persuasão. Sem nunca ter freqüentado uma Universidade, era loquaz como poucos, conhecendo razoavelmente a língua portuguesa.

"Era inteligente e ativo, de conversa agradável, tendo uma bela alma e excelente coração", escreveu de certa feita, o Padre Joaquim Viegas de Menezes, Fundador da Imprensa em Minas (3).

Muito estudioso e cheio de curiosidades pelos conhecimentos humanos, de inteligência viva, sagaz, respondia com rapidez e firmeza a quaisquer perguntas, sempre com muita decisão e acerto.

Na prática da Medicina e da Odontologia, aprendizado adquirido com seu padrinho de batismo, o cirurgião licenciado Sebastião Ferreira Leitão, obteve largo prestígio junto à população, mercê da habilidade com que exercia seu mister.

Tiradentes era um homem de coração bondoso e caritativo, paralelamente a esta rudez que lhe imprimia a vida, desde sua infância difícil.

Jamais negava seus préstimos a quem o avocasse, nem tanto pelo lucro que hauria do trabalho, mas especialmente pelo seu gênio altruístico e pelo desejo ardente de semear suas idéias.

Tinha temperamento expansivo, simpático, cativante e prestativo, que lhe facilitava fazer novas amizades.

(1) No assento de batismo de Joaquim José, consta que ele não teve madrinha e tal advertência significa que essa era dispensada quando a criança era dedicada a Nossa Senhora.

(2) "Autos de Devassa da Inconfidência Mineira", Volume 5, páginas 18.

(3) "A Inconfidência Mineira" — Lúcio José dos Santos, páginas 475.

ab Cônego Soares de Araújo, professor em Mariana, e que o conheceu ainda jovem, disse que "desde a infância revelou viveza intelectual". (4)

atr Através de maneira escorregadia de se expressar, dotado de um timbre de voz agradável e penetrante, ele arrebatava adeptos para o movimento libertador. Contudo, esta sua falta de "freio na língua", o viria a perder.

Seu amigo, o Inconfidente Padre Manuel Rodrigues da Costa, disse: "o que no Tiradentes mais se notava era a temeridade que ele, em balde, tentou reprimir, ponderando-lhe suas perigosas consequências". (5)

Tiradentes era incansável, de uma personalidade inaudita e de lano trato.

Seus rompanes em prol da Independência do Brasil, contra as injustiças sociais clamantes ao vilipendiado povo mineiro, chegava, às vezes, até mesmo à via de fatos. Conta-se a luta

corporal que ele travou com um comboieiro de negros, pelos tratos cruéis que o perverso indivíduo infligia a seus escravos.

Era homem de uma coragem inverossímil, de uma destemidez que assustava. Seu amigo e companheiro de trama, o Cônego Luiz Vieira, dizia sempre "que se houvessem muitos como Tiradentes, seria o Brasil uma República florecente". (6)

Era personalidade típica de pessoas regidas por Escorpião – o seu signo.

O IDEALIZADOR DO MOVIMENTO

O porte físico de Tiradentes, por si só, já impunha respeito.

Era alto, forte, de espáduas largas como os naturais de Minas Gerais. Tinha um olhar penetrante e enviezado (estrábico), como no dizer de seu companheiro de infortúnio, Dr. Tomás Antônio Gonzaga. Era indi-

(4) Idem

(5) "História da Inconfidência de Minas Gerais", Augusto de Lima Júnior, páginas 107. O Padre Manuel Rodrigues da Costa faleceu em sua Fazenda do Registro Velho (MG), tendo sido sepultado na Capela do Santíssimo, na Matriz da Piedade de Barbacena em 20 de janeiro de 1844. Passou todo seu exílio em Portugal, na Fortaleza de São Julião da Barra e no Convento de São Francisco da Cidade. Em 1804, foi libertado e autorizado a retornar ao Brasil, fixando-se de novo em sua fazenda. Teve atuação destacada no processo da Independência em 1822, tendo sido eleito Deputado às Cortes Gerais de Lisboa. Obteve expressivas votações para membro da Junta Governativa Provisional de Minas, em 1822 e para Senador do Império em 1826. Fez parte da Assembléia Constituinte, tendo ainda escrito vários livros.

(6) "História da Inconfidência de Minas Gerais", Augusto de Lima Júnior, páginas 107. Cônego Luiz Vieira da Silva, foi considerado uma das inteligências luminárias da Inconfidência. Nascido em Ouro Branco (MG), era dotado de grande talento. Dr. Joaquim Norberto diz que "era ele o mais instruído e eloquente de todos os conjurados", sendo considerado o maior orador sacro de Minas em sua época. Grande estudioso de história, possuía excelente biblioteca (cerca de 1.000 volumes), sendo muito amigo do Dr. Cláudio Manoel da Costa e do Dr. Tomás Antônio Gonzaga. Após o degredo regressou ao Brasil, falecendo obscuramente por volta de 1806.

víduo de cenho espantado, como declarou o Cel. Inácio José de Alvarenga Peixoto. Não era um homem bonito, no relato de seus amigos.

Porém era correto no cumprimento de seus deveres.

Para as missões mais espinhosas em seu quartel de Cavalaria, seu nome era sempre lembrado. Assim ocorreu em certa época, em que grupos de bandidos assaltavam viajantes e saqueavam fazendas nas imediações da Serra da Mantiqueira, dentre eles o célebre Montanha, tido como indivíduo facinoroso, ou o cigano José Galvão, todos saneados pelo intrépido Alferes do Regimento de Cavalaria das Minas Gerais.

De outra feita, determinado para acompanhar o Governador de Minas, em expedição de reconhecimento dos sertões, viagem em que ele aproveitou para prestar seus serviços de cirurgia-dentista e, ainda, traçar mapas identificando novos lençóis auríferos e terras para mineração, tal era a confiança nele depositada pelas autoridades da província.

Foi assim, em outra oportunidade, o responsável pelo transporte de ouro cobrado dos Quintos, de Minas para o Rio.

Militar de conduta ilibada, seu destemor e sua lealdade foram marcantes até a morte. Em momento algum em que esteve confiscado no cárcere soturno do despotismo, deixou de chamar a si a culpabilidade do conluio. Jamais denunciou al-

gum companheiro. Até o Desembargador Gonzaga, havido como seu inimigo, ele isentou de participação na conjura. Em que pese a maneira cruel e ingrata que o próprio Dr. Gonzaga o mencionou em uma de suas Liras:

"Ama a gente assisada
A honra, a vida, os cabedais
tão pouco,
Que ponha uma ação destas
Nas mãos de um pobre, sem respeito e louco?"

Concomitantemente, devem os leitores atentar para os versos do desditoso poeta, demonstrando claramente a participação de grande destaque dada ao Alferes Silva Xavier na conjura, ao dizer: "que ponha uma ação destas/nas mãos de um pobre, sem respeito e louco?".

Aliás, até mesmo o mérito de ter sido o grande propulsor e idealizador da conjura, querem furtar-lhe, afirmando que tal primazia coube ao Dr. José Álvares Maciel, que retornava da Europa cheio de filosofias novas, após iniciar-se nos mistérios da Franco-Maçonaria, e que este soprara sutilmente, aos ouvidos de Tiradentes, tal idéia.

Dr. Maciel estava fora do Brasil desde junho de 1782, deleitando-se das belezas da florescente Europa e instruindo-se nas melhores Universidades daquele continente, tendo-se formado em Coimbra, onde foi

brilhante aluno e indo depois aperfeiçoar seus estudos na Inglaterra. Pouco sentia na pele o sofrimento da gente mineira, governada na época pelo temido Luis da Cunha e Meneses ("Fanfarrão Minésio"). Quando chegou em Minas Gerais em fins de 1788, poucos meses antes do início das prisões dos Inconfidentes, o movimento já era do conhecimento de toda população. E, ademais, ele pouco vinha a Vila Rica, pois residia em Cachoeira do Campo, no palácio do Governador, o, também recém-chegado, Visconde de Barbacena.

O Dr. José Resende Costa Filho, Inconfidente, falecido em 1841, em suas "Notas sobre a Inconfidência Mineira", nos relata: "Tiradentes principiou a manifestar seus princípios no governo de Luis da Cunha e Meneses, em Minas Gerais, que sendo-lhe denunciados, os desprezou, como se declara no Acórdão da Alçada, e prosseguiu com vigor no ano de 1788, princípio do governo do Visconde de Barbacena". (7)

Quando Maciel chegou a Minas, o governador não era mais Luis da Cunha e Meneses, e sim, o Visconde de Barbacena.

Ao tomar conhecimento das falas do Alferes, Cunha e Meneses retrucou: "Só se for uma revolução de meretrizes. Dêem, nesse maroto, com o chicote! Ele é um bêbado!" ... (8)

Lembramos ainda que a Independência da América Inglesa, deflagrada em 1776, muito incitou a igual movimento nativista nos brasileiros, vários anos antes do retorno de Maciel da Europa.

Outra evidência palmar foi a declaração do próprio Maciel à primeira inquirição a que se submeteu, respondendo: "que a primeira vez que ouviu a má proposição, de que a Capitania de Minas Gerais havia de ser independente e livre, foi ao Alferes Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o Tiradentes, nesta cidade do Rio de Janeiro, na ocasião em que ele Respondente, chegou de Portugal"(9)

Além de não ter sido Maciel

(7) "Autos de Devassa da Inconfidência Mineira", volume 9, páginas 459. José Resende Costa Filho foi preso juntamente com seu pai em 1791 e conseguiu voltar ao Brasil em 1809, depois de alguns anos de permanência em Cabo Verde (onde foi degredado) e em Lisboa. Representou a Província de Minas Gerais na Assembléia Constituinte de 1823. A exemplo do Padre Manuel Rodrigues da Costa, fez parte do grupo de Deputados mineiros às Cortes Gerais que se recusaram viajar para Lisboa. Embora um amigo o tenha pedido, negou-se a escrever detalhadamente os acontecimentos da Inconfidência Mineira, limitando-se a acrescentar algumas notas ao trabalho do historiador inglês Robert Southey. Faleceu a 17 de junho de 1841.

(8) "História da Inconfidência de Minas Gerais", Augusto de Lima Júnior, Páginas 131.

(9) "Autos de Devassa da Inconfidência Mineira", volume 5, páginas 328. Dr. José Álvares Maciel, cunhado do Ten. Cel. Francisco de Paula Freire de Andrade, era homem de rara instrução, tendo bacharelado em Ciências Naturais. Participou na Universidade de Coimbra em 1784 de uma experiência aerostática, noticiada com destaque pela "Gazeta de Lisboa". Fez parte da Academia de Ciências de Lisboa. Documentadamente, foi o único Inconfidente que se sabe ter participado de atividades maçônicas na Europa.

idealizador do movimento, foi ele covarde e tfoio, desde seu primeiro interrogatório, em que pese seus méritos intelectuais.

"O Alferes Joaquim José da Silva Xavier era o principal motor da projetada sublevação, o que demonstrava maior empenho e eficácia na execução dela", escrevia o Visconde de Barbacena, Governador de Minas Gerais, em 11 de junho de 1789, a Martinho de Melo e Castro, Ministro da Marinha e Ultramar de Portugal.(10)

UM OPOSITOR DE TIRADENTES

Dr. Joaquim Norberto de Souza e Silva, em seu livro "História da Conjuração Mineira" (pág. 143), diz que "Tiradentes ligara-se ao partido da conjuração", o que não é verossímil. Tiradentes, como está hoje amplamente corroborado, foi o criador da idéia. Quando seus sócios abraçaram o movimento, já o encontraram com seu ardente e incomensurável patriotismo, sendo por ele persuadidos.

E o próprio Alferes Silva Xavier, à quarta inquirição a que foi submetido, sendo-lhe instado que declarasse a verdade acerca das pessoas que favoreciam, ou premeditavam o dito levante, asseverou ao juiz: "que é verdade que se premeditava o levante, que ele Respondente confes-

sa ter sido quem ideou tudo, sem que nenhuma outra pessoa o movesse, nem lhe inspirasse coisa alguma e que tendo projetado o dito levante, o que fizera desesperado por ter sido preterido quatro vezes em sua promoções". (11)

Nenhuma razão, portanto, assiste aos que disseram, ou ainda têm a petulância de dizer, que esse homem foi ator secundário e que só serviu para perder os outros. Foi ele sim, o líder — pelos próprios depoimentos se conclui — e a alma de tudo.

Somente um presunçoso tolo negaria isso.

Dr. Joaquim Norberto, ainda em sua raríssima e preciosa obra, mostra-se incoerente quando se refere à personalidade de Tiradentes. Taxa-o de leviano, infeliz, aproveitador de situações, louco, um simples Maria vai com as outras, incoerente etc. Contudo, o próprio historiador registra, em seu livro, depoimentos de amigos e pessoas que privaram da amizade e do convívio do Alferes, como declarações do Frei Penaforte, do Padre Rolim, do Cônego Luiz Vieira e outros, nas quais enaltecem a figura do grande herói.

Ainda em sua obra, o Dr. Joaquim Norberto diz: "Fui por muito tempo entusiasta do Tiradentes. À medida, porém, que me instruí na história da malograda conjuração, senti modifi-

(10) "Autos de Devassa da Inconfidência Mineira", volume 8, páginas 192.

(11) "Autos de Devassa da Inconfidência Mineira", volume 5, páginas 32.

car-se e arrefecer-se o meu entusiasmo, e achei-me ante o homem, que em 21 de abril de 1792, já não era o mesmo ardente apóstolo da emancipação política". (12)

Aí é que menos entendemos, pois em todas as 11 (onze) inquirições, Tiradentes jamais se mostrou arrependido do que fez e sempre chamou para si toda a responsabilidade da sedição. Foi acusado e execrado por todos seus companheiros de conjura, mantendo-se firme em seus propósitos.

Sua pessoa foi exaltada até a morte pelos religiosos que o assistiram, e agora vem o Dr. J. Norberto dizer que Tiradentes já não era o mesmo ardente apóstolo da emancipação política. Depoimentos escritos, de pessoas que assistiram a execução do Alferes não confirmam o pensamento do eminente historiador; muito pelo contrário. Parece-nos que o ilustre escritor tendo lançado seu livro à instância do Imperador, é bem provável que tenha esposado a idéia de não desagradá-lo, pois o macabro espetáculo do 21 de abril havia sido montado pela coroa real portuguesa, da qual descendia Dom Pedro II.

Enaltecer a figura do mártir não seria conveniente, pois ele teria de acusar Dona Maria I. Tornou-se mais fácil desvanecer a imagem de Tiradentes, dando a entender que a ação da Rainha, quiçá, tenha sido até justa.

E ademais, o próprio Imperador não nutria nenhuma simpatia pelo Tiradentes, como ele próprio o chamava: "o garoto de nossa história".

Assim procedendo, seu livro cairia nas graças da família imperial brasileira e nunca seria contestado pelos descendentes do Alferes, de origem humilde.

O historiador Lúcio José dos Santos, em sua obra "A Inconfidência Mineira" (pág. 76), bem retrata Joaquim Norberto: "partidário decidido da Monarquia e amigo pessoal do Imperador, não estava Joaquim Norberto em posição própria para ser imparcial, ao examinar e criticar uma tentativa republicana".

Quem tem a oportunidade de analisar as peças do processo da Devassa, a maior fonte de informação que temos, destaca sempre a figura admirável do Alferes Tiradentes. E ele, embora fosse um dos mais humildes e modestos em posição social, se tornou, graças as suas qualidades próprias que fascinavam e atraíam, o centro da conspiração.

Foi ele, portanto, a figura principal da Devassa. Mas ao invés de fazer vítimas, foi a maior vítima.

Maior e mais meritório foi o seu sacrifício, expondo-se a afrontar a morte sem hesitar, com coragem e idealismo. Foi deste modo um bravo, um herói e, por isso, resignou-se, desafiando as consequências de seu

(12) "História da Conjuração Mineira", Joaquim Norberto de Souza e Silva, volume II, páginas 227.

procedimento, sem direta ou indiretamente insinuar-se na piedade ou clemência dos juízes, como fizeram seus lassos companheiros.

DEPOIMENTO DO FREI PENAFORTE

Um dos mais importantes depoimentos existentes a respeito da vida de Tiradentes, é aquele legado pelo Frei Raimundo da Anunciação Penaforte, cujo retrato do herói, é oriundo de um adversário ferrenho de suas idéias, sendo portanto a melhor resposta aos que subestimaram a grande figura republicana do protomártir de nossa independência.

Frei Penaforte era o chefe dos confessores que assistiram, na prisão, durante quase três anos, os Inconfidentes, tendo presenciado ainda seu enforcamento e deixou escrito, para o futuro, conforme suas palavras, a seguinte declaração:

"Este homem foi um daqueles indivíduos da espécie humana que põe em espanto a própria natureza. Entusiasmado com o aferro de um Rancker; empreendedor, com o fogo de um Dom Quixote; habilidoso, com um desinte-

resse filosófico; afoito e destemido, sem prudência às vezes, e temeroso ao ruído da caída de uma folha. Mas seu coração era bem formado". (13)

Era conhecido perito e dotado de inteligência mineralógica.

Seu grande amigo, conterrâneo e partícipe de trama, Dr. José Álvares Maciel, albergava pelo Alferes Xavier uma enorme simpatia. Em carta de Maciel a um seu amigo de Mariana, diz textualmente: "Aí está um homem, meu venerando amigo, que causou profunda impressão no meu espírito — o Alferes Tiradentes. É uma criatura inteligentíssima. Veio ao Rio de Janeiro para apresentar ao Vice-Rei Dom Luís de Vasconcelos planos para as obras de abastecimento de água daquela cidade. Apesar de não ser formado em Engenharia, traçou os planos com a segurança de um verdadeiro engenheiro". (14)

E Maciel prossegue em seu relato sobre o Alferes: "Que nobre ansiedade tem ele pela grandeza do Brasil! Quando se refere à triste situação em que nos encontramos, sua voz se transforma e seus olhos se enchem de lágrimas. Nunca vi tão perfeita encarnação de patriotismo". (15)

(13) "História da Conjuração Mineira", Joaquim Norberto de Souza e Silva, volume I, páginas 236. Frei Raimundo da Anunciação Penaforte — "Últimos momentos dos Inconfidentes de 1789", pelo frade que os assistiu em confissão. Com notas do autor. Rio de Janeiro, 30.06.1792 (aprox.)

(14) "História da Liberdade no Brasil", Viriato Correa, página 66.

(15) Idem.

Estimado e prestigiado por todos os recantos das Minas Gerais e Rio de Janeiro. Respeitado por todos como homem digno e de conduta honesta; Tiradentes está muito acima e além da imagem que lhe maquiaram alguns iconoclastas historiadores, embora raros, que trabalharam mais com as ferreamentas da perversidade, do maquiavelismo e do antipatriotismo, do que com documentos históricos.

O COMERCIANTE, O DENTISTA E O MILITAR

É certo que não foi um homem de sorte no comércio que empreendia pelos sertões da Bahia, pelos caminhos do Rio ou mesmo nas fracassadas minerações tentadas em sua terra.

"Era um homem enérgico e obstinado em suas crenças, mas generoso até descuidar de si próprio, franco e leal", afirmou seu amigo Padre Martinho de Freitas Guimarães, que o conhecia bem de perto. (16)

As atividades comerciais de Joaquim José lograram pouco sucesso.

As viagens longas e cansativas que empreendia pelos perigosos caminhos da Bahia, davam-lhe mais oportunidade para o exercício habilíssimo de dentista do que para sua malograda profissão de vendedor ambulante

para a qual não tinha nenhum pendor. Ficava tão penalizado de ver tanto sofrimento, tanta pobreza, que acabava dando suas mercadorias àqueles infelizes.

A habilidade de dentista foi tão marcante em sua vida, e ele a exercia tão bem, que Frei Penaforte, deixou este relato: "Tirava com efeito, dentes com a mais sutil ligeireza; e ornava a boca de novos dentes feitos por ele mesmo — que pareciam naturais". (17)

E foi particularmente devido ao seu fracassado cunho comercial que o Tiradentes resolveu ingressar na carreira das armas.

Seria uma fonte de renda segura, sem tantos sacrifícios e com mais prestígio. E retorna a Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto, decidindo-se assentar praça.

Augusto de Lima Jr., eminente historiador mineiro, grande estudioso do assunto e dos mais respeitados, esclarece em seu livro, "Pequena História da Inconfidência de Minas Gerais" (pág. 102), que Tiradentes incorporou na Companhia de Dragões de Vila Rica, em 1769, galgando os postos inferiores de cabo, furriel e sargento, sendo promovido a Alferes em 1775, ocasião em que foi criado o Regimento de Cavalaria Regular de Minas Gerais, pela junção das antigas Companhias de Dragões.

(16) "A Inconfidência Mineira", Lúcio José dos Santos, páginas 475.

(17) "Autos de Devassa da Inconfidência Mineira", volume 9, páginas 178.

Tal assertiva é ratificada por historiadores bem documentados.

Porém não foi além do posto de alferes, sendo preterido várias vezes, conforme declarou, profundamente magoado "que tinha sido muito exato no serviço e que, achando-o para as diligências mais arriscadas, para as promoções e aumento de postos achavam a outros, que só podiam campar por mais bonitos, ou por terem comadres, que servissem de empenho". (18)

Embora houvesse cedo abandonado a profissão de vendedor ambulante, continuou a exercer profusamente a de dentista e médico. Pelos caminhos que o levavam ao Rio, tornou-se muito conhecido e, onde chegasse ou passasse, era logo solicitado para aliviar as dores de alguém com suas famosas "águas misteriosas", adquiridas de farmacêuticos do Rio.

Por ocasião de sua prisão e seqüestro dos bens, que eram poucos, tudo perdeu: vários livros de medicina, uma Constituição da América Inglesa, sua caixa de ferrinhos de tirar dentes, um relógio de bolso, um machinho rosilho, um sítio próximo a Rocinha Negra - Comarca do Rio das Mortes etc.

OS DESCENDENTES

Quanto à vida amorosa de Tiradentes, embora jamais tivesse casado, sabe-se através de assento de batismo passado pelo Padre Pantaleão da Silva Ramos, na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em Vila Rica, que ele possuiu uma filha de nome Joaquina, cuja mãe era Antonia Maria do Espírito Santo.

Já no recenseamento de 1804, levado em Vila Rica, não encontramos mais o nome da filha de Tiradentes - Joaquina.

Sabe-se ainda que foi pai de um varão com outra mulher de nome Eugênia Maria de Jesus, conforme nos relata o historiador Lúcio dos Santos, em sua obra, "A Inconfidência Mineira" (pág. 134): "Teve um filho de nome João". Esta assertiva nos é assegurada por um contemporâneo e amigo do Alferes que registrou alguns detalhes da sua vida.

Deste filho, não existe o assento de batismo, mas, um pedaço de papel escrito a mão, encontrado casualmente por Lúcio José dos Santos dentro de um livro intitulado "Autos-Crimes", de 1791, no qual se fala na existência de João, filho do Alferes Joaquim José da Silva Xavier.

(18) "Autos de Devassa da Inconfidência Mineira", volume 5, páginas 32. Queixou-se ainda "que o seu Furriel está feito Tenente, Valeriano Manso, que foi soldado da Companhia dele Respondente perto de seis anos está feito Tenente da mesma Companhia. Fernando de Vasconcelos, que foi cadete seis anos, sendo ele Respondente já Alferes, está feito Tenente, Antonio José de Araújo, que era Furriel, sendo ele Respondente Alferes, está feito Capitão".

Sabedor da prisão de seu pai, em 10 de abril de 1789, João, ainda imberbe, temendo represália, contando por volta de dezesseis anos, ganhou terras desconhecidas, acompanhado de sua mãe, mudando seu verdadeiro nome para Joaquim Paulo. Como o pai, ingressou na carreira das armas, logrando alcançar a posição de Tenente. Foi através de João, que encontramos a avultada prole que atingiu o número de dez netos do inesquecível Alferes Joaquim José.

Um seu amigo, escreveu certa feita "que em assunto de amores é bem feliz. O ardor com que fala, as idéias que expõe, a sinceridade que se sente em todas as suas atitudes, faz com que as mulheres por ele se apaixonem". (19)

Outro fato interessante, na vida amorosa de Tiradentes, é o relato que nos faz o Padre Martinho de Freitas, nas suas "Memórias", que "Joaquim José quiz desposar uma moça de São João Del Rei, filha de portugueses ricos, opondo-se o pai da mesma, por ser o pretendente colono e de cor morena".

Não vemos, como deseja a parvoíce de alguns, qualquer demérito em Tiradentes ter tido filhos sem contrair matrimônio, ou por ter sido recusado pelos pais da pretendida.

Não desejamos, neste modesto trabalho, traçar uma imagem santificada do Alferes, pois

ele foi um homem que cometeu as fraquezas da carne, embora fosse "devotado de crença religiosa", mas que antes de tudo viveu dentro de uma sociedade onde a vida amorosa irregular era bastante freqüente.

Esse aspecto, de modo algum, tira-lhe o mérito de grande herói e ardente patriota; como se para isto necessário fosse fazer voto de castidade.

UM VISIONÁRIO

Lembramos que Tiradentes era homem do povo, de origem humilde, acostumado a uma vida rude e dura.

Acima disso, ele personificava a figura da sofrida gente das aурíferas plagas das Minas Gerais.

Encarnava os verdadeiros anseios de liberdade que pulsavam nos corações oprimidos dos brasileiros.

Era um autêntico revolucionário que levava ao povo a mensagem libertadora, indiferente aos perigos expostos por todos aqueles que ousavam clamar em benefício das causas populares.

Era um homem acostumado às vicissitudes da vida.

De uma sinceridade e coragem que assustava aos mais cépticos.

Devassaram sua vida, mesmo a sua situação de militar, mas nunca se encontrou o me-

(19) "História da Liberdade no Brasil", Viriato Corrêa, páginas 65.

nor indício de desonestidade, desvio de dinheiro público, contrabando de ouro ou diamante (tão comuns na época).

Jamais compartilhou de negócios sórdidos.

Escreveu o Padre Ignácio Nogueira: "O Alferes Tiradentes era um homem nobilíssimo, digno noutro país das atenções do governo. O único crime que tinha era amar à Pátria e querer vê-la livre do despotismo da metrópole". (20)

Os detratores não imputaram, ao grande Tiradentes, manchas denegrecedoras da sua condição de homem público, civil ou militar.

Alguns o classificam de louco.

Louco, sim, de amor à sua pátria, à sua gente. Louco de amor à liberdade, em uma época em que a nação era uma imensa senzala da tirania portuguesa.

Possuía um coração fraternal, impregnado de cristianismo. Empolgou-se com os sofrimentos alheios, muitas vezes com sacrifício próprio.

Foi antes de tudo um visionário, um iluminado, como bem o interpretou Cecília Meireles, em sua poética obra "Romanceiro da Inconfidência" (pág. 94):

— "Pobre de quem tem um filho pela sorte assinalado!

Vem galopando e sorrindo, como quem traz um recado.

Não que o traga por escrito; mas dentro em si: — consumado."

Tiradentes, portanto, caro leitor, é um fanal seguro quando embrenhamos no glorioso passado de nossa história. É o exemplo vivo, uma flama ardente de patriotismo, para dele retirarmos forças e lições que nos auxiliem a manter inabaláveis os ideais de amor à pátria e à liberdade.

A SENTENÇA

Mandado para execução da pena de morte contra JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER:

"Justiça que a Rainha Nossa Senhora manda fazer a este infame réu JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER, pelo horroroso crime de rebelião e alta traição de que se constitui chefe e cabeça, na Capitania de Minas Gerais, com a mais escandalosa temeridade contra a real soberania, e suprema autoridade da mesma Senhora que Deus guarda.

Manda que com barão e pregão, seja levado pelas ruas públicas desta cidade ao lugar da forca, e nela morra morte natural para sempre, e que separada a cabeça do corpo seja levada a Vila Rica, onde será conservada em poste alto junto ao lugar da sua habitação, até que o tempo a consuma; que seu corpo seja dividido em quartos, e pregados em iguais postes pela entrada de Minas, nos lugares mais públicos, princi-

(20) A Inconfidência Mineira — Lúcio José dos Santos — páginas 475.

palmente no da Varginha e Cebolas; que a casa de sua habitação seja arrasada e salgada, e no meio de suas ruínas levantado um padrão em que se conserve para a posteridade a memória de tão abominável réu e delito, e ficando infame para seus filhos e netos, lhe sejam confiscados seus bens para a Coroa e Câmara Real. Rio de Janeiro, vinte e um de abril de mil setecentos e noventa e dois (21 de abril de 1792). Eu o Desembargador Francisco Lufz Alvares da Rocha. Escrivão da Comissão o escrevi". ("Autos da Devassa da Inconfidência Mineira", vol. 7, páginas 282).

A EXECUÇÃO

— Certidão que Tiradentes foi executado no Campo de São Domingos, Rio de Janeiro:

"Francisco Lufz Álvares da Rocha, Desembargador dos Agravos da Relação desta cidade, e Escrivão da Comissão expedida contra os réus da Conjuração formada em Minas Gerais, certifico que o réu JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER foi levado ao lugar da força levantada no Campo de São Domingos, e nela padeceu de morte natural, e lhe foi cortada a cabeça, e o corpo dividido em quatro quartos, e de como assim passou na verdade, lavrei a presente certidão, e dou minha fé. Rio de Ja-

neiro, vinte e um de abril de mil setecentos e noventa e dois." ("Autos de Devassa da Inconfidência Mineira", vol. 7, páginas 283).

OS RESTOS MORTAIS

Era morto o Tiradentes.

Pelo caminho novo que ligava as Gerais ao Rio, não mais ecoariam os brados de VIVA A LIBERDADE, ensaiados pelo intrépido Alferes de Cavalaria.

O sonho libertário de um povo jazia balouçante, pendente da trave de uma imensa força levantada em praça pública, na cidade do Rio de Janeiro.

Um espetáculo demoníaco, bem aos moldes de uma família Real formada de trastes soberanos, infíquos e velhacazes, que durante séculos usurpou as riquezas da terra de Santa Cruz, deixando aos brasileiros apenas olhos para chorar.

E naquele hediondo 21 de abril de 1792, manhã de um sábado ensolarado, a população sufocava o choro convulso que lhe inundava o coração e pungia a alma. (21)

Como se não bastasse, o despotismo lusitano impôs sobre o peito ofegante da pátria ultrajada, os festejos pelo suplício do seu herói e a entoar loas às virtudes de seus algozes, num espetáculo revoltante e

(21) Mandara o Conde de Resende que, naquele dia, os moradores enfeitassem as frentes de suas casas com colchas de rendas, panos de damasco e festões de bambus. Determinou, ainda aos moradores, sob pena de castigo, que acedessem luminárias por três dias.

monstruoso, que jamais se apagará da memória dos brasileiros. (22)

Levado o corpo para o Quartel do Regimento de Entremós, com a tropa perfilada, foi imediatamente cortada sua cabeça e dividido o corpo, ainda quente, em quatro partes que, metidas em salmora foram enviadas para sua terra, a serem colocadas nos pontos onde havia apregoado os "infames" anelos de liberdade.

Escortados pelo dito Regimento, foram sendo distribuídos ao longo do caminho.

— "O quarto superior esquerdo ficou num poste na Estalagem de Cebolas, atual município de Paraíba do Sul, onde ainda se encontram restos mortais do mártir; (23) o quarto superior direito, foi pendurado em um cruzamento de estradas, à saída norte do arraial da Igreja Nova, atual Barbacena; o quarto inferior direito, ficou em frente à Estalagem de Varginha; o último foi espetado no alto das Bandeirinhas, além do povoado do Ro-deio, próximo de Vila Rica.

E a cabeça descarnada, foi

colocada num poste de candeia, presa por uma corrente de ferro, em uma praça de Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto". (24)

Dias depois, quando uma gélida noite de fins de maio envolvia a bucólica cidade, sua cabeça foi furtada por amigos que lhe deram uma sepultura digna, dentro dos preceitos do sentimento cristão, que proíbe a profanação dos cadáveres.

E hoje, quando chegamos a Ouro Preto, em cada rua, dos frontispícios das Igrejas, das sacadas dos vetustos solares, a mística dos Inconfidentes nos traz a lembrança ativa do loquaz Alferes das Minas Gerais, fazendo-o ressurgir vivo, não na glória do seu martírio, mas na força de sua coragem e de seu incomensurável idealismo.

"O PROFETA"

A importância da capitania de Minas Gerais, dentro do contexto nacional, somente veio a tomar relevância, a partir do final do século XVII com a desco-

(22) Sermão encomendado pelo Conde de Resende ao Frei Fernando de Oliveira Pinto: "Dar graças a Deus pelo favor de se haver descoberto a conspiração tramada em Minas Gerais, a tempo de ser dissipada antes de ser posta em execução e de se seguirem péssimas conseqüências que deviam experimentar os vassallos de sua Magestade, dar graças a Deus por ficar esta cidade isenta do contágio da dita nefanda conjuração; persuadir os povos a serem fiéis a sua Soberana, tão pia e clemente e rogar a Deus pela conservação de sua saúde". (História da Inconfidência de Minas Gerais — Augusto de Lima Júnior — páginas 172)

(23) Recentemente, em viagem de estudos, estivemos em Cebolas visitando o museu de Tiradentes, onde existem valiosíssimas peças sacras da antiga Capela da Estalagem. Embora de proporções pequenas, o museu fornece dados importantes e pouco conhecidos sobre a vida do Alferes.

(24) A cabeça de Tiradentes chegou a Vila Rica ao cair da tarde do dia 21 de maio de 1792.

berta, na região que se denominava Sertão do Cataguá, do mais cobiçado dos metais – o ouro.

Segundo o testemunho de um certo jesuíta italiano de nome Antonil, anteriormente a 1700, uma bandeira oriunda da cidade paulista de Taubaté, havia chegado à região, após exaustivas caminhadas e no alto do morro do ITA-CORUMI (como os Índios o chamavam) deitaram suas bagagens para repousar.

Daf, até o ribeirão do Tripuf que corria embaixo, foi um pulo.

Sedento pela longa caminhada, um mulato da expedição, de ignoto nome, no momento em que saciava sua sede na cristalina e fresca água, também abria nova página na história do Brasil, ao colher das margens do ribeirão, pedrinhas duras e negras, que nada mais eram do que ouro recoberto de óxido de ferro, dando-lhe a aparência escura, daí a denominação de Ouro Preto.

Várias outras expedições se sucederam, sem contudo lograrem o sucesso da primeira; perdeu-se o marco de referência que era o pico do ITA-CORUMI.

Somente em 1698, uma delas, chefiadas por Antônio Dias de Oliveira, conseguiu a retomada do fio de Ariadnê.

Anos viriam de muitas lutas, muito sangue e entreveros. Eram os aventureiros embevecidos pela facilidade que lhes proporcionavam a bendita mãe natureza.

Antonil chegou a dizer: "Deus permitiu para castigo do Brasil a descoberta de tais riquezas em suas Minas".

E lá do alto, imutável e envolto em brumas como se mostra até os atuais dias, o ITACOLMI, testemunhava os desmandos dos homens, eternamente ávidos em acumular riquezas materiais.

A partir daí, a cupidez de homens vindos de terras paulistas, baianas e cariocas, cada vez mais se denotava.

Levavam consigo não apenas a esperança da formação de uma nova vida mais farta, mais rica, mas também um manancial de cultura de diferentes regiões que se mesclando, formariam uma nova civilização no interior do país, fazendo florescer uma cultura genuinamente nacional.

E nesse conturbado clima de lutas, de ambições, de tudo quanto a ferocidade humana aguçada pelo apetite do ouro podia oferecer, foram surgindo as vilas.

Ribeirão do Carmo, Vila Rica, Ouro Branco, Cachoeira do Campo, São João del Rey, Conganhas e muitas outras, testemunhas de uma época das mais importantes – a do ciclo do ouro.

De maneira espantosa, abrandaram-se os costumes grotescos daqueles primeiros colonizadores, dando surgimento a uma sociedade polida, ostentando nobreza no vestuário, de cultura invulgar à época e, particularmente, de profundo amor à terra.

E Vila Rica era o centro polarizador disso tudo. A essência da cultura brasileira reunia-se ali.

John Mawe, cientista inglês que visitou Minas, em 1807, relatou: "... "que as casas de pessoas de alta sociedade de Vila Rica, eram bem melhores que as do Rio e São Paulo, e seus mobiliários e decorações somente comparáveis às da Europa". (25)

Personalidades de nomeada foram surgindo, como Cláudio Manoel da Costa (26), Tomás Antônio Gonzaga (27), ambos poetas famosos, Cônego Luis Vieira da Silva, dono de uma das melhores bibliotecas do país e considerado o maior orador sacro da colônia e muitos outros.

E em meio ao alvorecer desse povo, surge a figura admirável do maior toreuta brasileiro — Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.

Nascido em Vila Rica, filho natural de Manoel Francisco Lisboa, afamado arquiteto por-

tuguês, e de Isabel, uma pobre escrava africana.

Desde cedo, demonstrando pendor para a escultura e o desenho, teve na escola prática de seu genitor, os primeiros ensinamentos da arte.

E através dela, demonstraria a maior expressão de sua terra, legando ao mundo as mais belas e importantes peças sacras do barroco, impregnadas do mais profundo sentimento de religiosidade, tão arraigado à sua gente mineira.

Mestre Lisboa, indubitavelmente conseguiu materializar em suas esculturas a aparência espiritual de seu povo.

Em cada obra, está refletido um pouco dos mistérios, da mística e dos segredos das Minas Gerais: de suas lendas, de seu folclore, de seus costumes e de seus homens. Como é o caso da imagem de São Jorge feita em tamanho natural, que se encontra no Museu da Inconfidência, maliciosamente esculpido com as feições do perverso Cel. José

(25) O amor infeliz de Marília e Dirceu — Augusto de Lima Júnior — páginas 16.

(26) O inconfidente Dr. Cláudio Manoel da Costa nasceu em 1729, em Mariana (Ribeirão do Carmo) sendo pessoa de grande talento, de esmerada cultura e vasta erudição. Jurisconsulto e filólogo, poeta e historiador, tendo sido o primeiro no Brasil a cogitar sobre assuntos de economia. Conhecia profundamente o latim o grego e o italiano. Diplomou-se em Cânones em Coimbra, Portugal, tendo viajado também pela Itália. Foi durante vários anos, Secretário do Governador da Capitania de Minas Gerais. Ferdinando Denis, diz que "ele foi um dos maiores escritores que tenham existido no Brasil". sua morte na prisão, constituiu-se numa incógnita: assassinato ou suicídio?

(27) Desembargador de Vila Rica, nascido em Portugal, celebrou-se Dr. Gonzaga notadamente pelas famosas líras cantadas em louvor de sua noiva Marília. Autor das Cartas Chilenas, suas obras foram traduzidas em várias línguas. Feito prisioneiro uma semana antes de seu casamento, jamais voltou a rever sua adorada noivinha, tendo falecido no degredo em Moçambique, na África, em 1810. "Era um homem letrado, de luzes e de talento conhecido", assim se expressou o Desembargador Sebastião Vasconcelos Coutinho, ao interrogar Gonzaga em 1791.

Romão, e que todos os anos safa nas procissões religiosas, sendo motivo de risos por parte da população.

O pesquisador e historiador Rodrigo José Ferreira Bretas, em notas publicadas no Correio Oficial de Minas no ano de 1858, ao descrever sobre Aleijadinho, disse: "várias outras imagens construiu, de propósito, representando exatamente vultos e feições de certas pessoas".

É também da tradição que os três anjinhos freqüentemente presentes nos trabalhos do artista, representam seus três escravos: Maurício, Januário e Agostinho.

E através de suas magníficas obras, envoltas quase sempre em ar de mistério e de incógnita, Mestre Lisboa — alma de gênio em um corpo mutilado — participou com enfoque especial para a formação do maior conjunto barroco do país.

Seus trabalhos espalhados por várias cidades mineiras, ganham contudo enlevo quando as encontramos em Congonhas, ornando o Ádrio do Santuário do Senhor do Bom Jesus de Matosinhos.

Os Doze Profetas esculpidos na pedra, ganharam vida no escopro do Mestre Lisboa, e não há quem não sinta essa sensação ao caminhar entre eles; um clima de sobrenatural os envolve.

Através dos gestos, ensinam algo a nos transmitir, nos fazer confidências. Parecem mesmo

que tramam ou conspiram alguma sedição.

Seus olhares absortos pasmam nossa curiosidade, hipnotizam os nossos sentidos. É por isso que esses profetas são considerados o maior conjunto estatutário barroco do mundo.

Suas posturas têm um aspecto dinâmico, de ação, de ativismo, de mensageiros ansiosos em nos predizerem suas profecias.

Na inércia e na gelidez da pedra talhada pelo Aleijadinho, eles parecem confabular, numa representação quase teatral.

E cada um deles ganha "uma individualidade marcante ao observarmos os traços fisionômicos bastante distintos entre si.

O toreuta teve o cuidado precípua de personificar nas feições de cada um aquela que melhor lhe caberia.

É por essas e outras razões que os Profetas extasiavam a quem os depara.

Uma das mais sérias pesquisas realizadas acerca dos Doze Profetas de Congonhas, foi levada a efeito pela pesquisadora de História da Arte, Dra. Isolda Helena Brans Venturelli, publicada em sua obra "Profetas ou Conjurados?", trazendo a lume importantes revelações, após anos de estudo.

Ela revela que Aleijadinho representou os Profetas, com as feições dos Doze principais partícipes da Inconfidência Mineira.

Essa história já ouvíamos há alguns anos passados, quando

da nossa juventude, em Minas, contada pela voz do povo.

Como os assuntos da malograda Conjuração sempre exerceram sobre o nosso espírito um fascínio todo especial, as vezes que visitamos Congonhas, vimos naquelas estátuas mais que obras de arte: um ensaio de liberdade dramaticamente encenada, nos palcos das Alterosas, cujo epílogo veio em forma de tragédia com o sacrifício de seu principal ator.

Mestre Lisboa, no afã de prestar sua derradeira e justa homenagem aos precursores de nossa independência, àqueles que vaticinaram criar a nova República, eternizou-os como os Profetas Mineiros.

Ele inteligentemente soube unir dois aspectos característicos do seu povo — o fervor à religião e o amor à liberdade.

Certamente, decepcionado em não poder atender a solicitação do Tiradentes, em suposto diálogo narrado pelo historiador Gilberto de Alencar em seu livro *TAL DIA É O BATIZADO* (páginas 180), no qual o Alferes pediu ao artista que executasse um monumento em homenagem à República, quis ele então erguer um monumento aos idealizadores, colocando-os como profetas; aqueles que anteviram um futuro digno para a pátria.

Destarte, em meio à representação dos Inconfidentes na figura dos Profetas, qual deles seria o Alferes Joaquim José da Silva Xavier?

Discordamos da Dra. Isolda

Helena ao designar o profeta Jonas.

A fim de respaldar nossa defesa, recordemos o tipo físico e aparência de Tiradentes.

O Alferes era um homem feio e de olhar espantado.

Era um indivíduo forte e de espáduas largas, sendo de tez morena.

Dos Doze Profetas de Congonhas, apenas um apresenta o aspecto de espantado ou assustado, tendo ainda porte físico robusto e forte.

Todos os demais denotam olhar meigo, sóbrio, sereno e compassivo; as faces têm aparência fina, bonita e delicada (excetua-se nesse aspecto o Profeta Amós, com traços de mestiço).

Somente um deles apresenta o tal olhar espantado ou assustado — é Isaias, o mais importante Profeta do Antigo Testamento.

Colocado na posição de entrada da escadaria, do lado esquerdo do Santuário, com seu olhar penetrante e espantado, parece censurar aos intrusos que ali vão bisbilhotar os colóquios que segredam os Inconfidentes.

Tiradentes foi o maior das Gerais. Isaias foi o maior dos Profetas.

A estátua tem as feições de um homem com traços fortes, um pouco grosseiro; um homem feio.

A testa franzida e as sombrancelhas erguidas, dão-lhe a nítida aparência de espantado,

coadunando-se perfeitamente com a do protomártir da independência.

Sua posição de destaque, logo na entrada do Ádrio do Santuário, é também um dado interessante, pois Tiradentes foi o líder do movimento, assim deveria ocupar um lugar proeminente.

DIZERES DE TIRADENTES

— Em conversa com um amigo, profetizou: "SE TODOS QUIZESSEM, PODERÍAMOS FAZER NO BRASIL UMA GRANDE NAÇÃO".

— Ao tentar convencer Vicente Vieira da Motta a entrar na Conjuração, energicamente disse: "É PORQUE EU NÃO ACHO HOMENS, E OS FILHOS DESTAS MINAS SÃO TODOS VJS. PORÉM, SE EU OS NÃO ACHAR, HEI DE ARMAR UMA MEADA QUE, EM CEM ANOS, SE NÃO HÁ DE DESEMBARAÇAR".

— Padre Manuel Rodrigues da Costa, Inconfidente, falecido em 1844, atribuía ao Alferes Xavier o principal papel na Conjura, e conta-nos que quando tentava refrear sua temeridade, ele redarguia: "NÃO HÁ DE SER NADA PADRE; DEUS ESTÁ CONOSCO".

— "ADEUS QUE LÁ VOU TRABALHAR PARA TODOS", gritava ao aleivoso Cel. Joaquim

Silvério, quando se encontraram na estrada que o levava ao Rio de Janeiro; numa viagem da qual não voltaria jamais a rever sua Minas Gerais.

— Às vésperas de sua prisão, quando amigos intentavam sua fuga, ele exclamou: "AH! SE EU ME APANHO EM MINAS"!

— Palavras do Alferes, às vésperas da sentença final dos Inconfidentes: "EU SOU A CAUSA DA MORTE DESSES HOMENS; DESEJARIA TER MAIS DEZ VIDAS E PODE-LAS DAR POR TODOS ELES. SE DEUS ME OUVIRA, EU SÓ MORRERIA, E NÃO ELES".

— Na sala do Oratório, na qual se comutou aos réus, excepto Tiradentes, a pena de morte em degredo perpétuo, corajosamente obtemperou: "QUE AGORA MORRERIA CHEIO DE PRAZER, POIS NÃO LEVAVA APÓS SI TANTOS INFELIZES A QUEM CONTAMINARA. QUE ISSO MESMO INTENTARA ELE, NAS MULTIPLICADAS VEZES QUE FORA À PRESENÇA DOS MINISTROS, POIS SEMPRE LHE PEDIRA QUE FIZESSE DELE SÓ, A VITÍMA DA LEI".

— É da tradição, que ele dissera após a leitura da Sentença: "A CORDA QUEBRA SEMPRE PELO LADO MAIS FRACO", aludindo à sua condição humilde, as quais se não harmonizam com sua resignação cristã e a personalidade férrea segundo o

testemunho de Frei Raimundo Penaforte.

— Ao algoz Jerônimo „Capitania”, quando este adentrou ao cárcere para conduzi-lo ao patíbulo: “OH! MEU AMIGO, DEIXE-ME BEIJAR-LHE AS MÃOS E OS PÉS”.

— E ao despir-se para vestir a alva dos condenados, cocluiu: “NOSSO SENHOR MORREU TAMBÉM NU, POR MEUS PECADOS”.

BIBLIOGRAFIA

- 01 — ALENCAR, Gilberto de — *Tal dia é o batizado (O Romance de Tiradentes)* — Belo Horizonte — Editora Itatiaia Ltda — 1981.
- 02 — ALENCAR, Renato de — *Enciclopédia Histórica do Mundo Maçônico — Tomo I* — Rio de Janeiro — Editora Maçônica — 1979.
- 03 — Almeida, Lúcia Machado de — *Passeio a Ouro Preto* — Belo Horizonte — Editora Itatiaia Ltda/Editora da Universidade de São Paulo — 1980.
- 04 — ANDRADE, F. de Paula — *Do Martírio para a Luz* — Juiz de Fora — Editora ESDEVA — 1982.
- 05 — *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira — Volumes 1 a 10* — Brasília/Belo Horizonte — Câmara dos Deputados e Governo de Minas Gerais — Imprensa Oficial de Minas Gerais — 1976/1983.
- 06 — Biblioteca de História (*Grandes Personalidades de Todos os Tempos*) Tiradentes — Volume 3 — São Paulo — Editora Três — 1973.
- 07 — BRETAS, Rodrigo José Ferreira — *Traços Biográficos relativos ao finado Antonio Francisco Lisboa, distinto escultor mineiro, mais conhecido pelo apelido de — Aleijadinho* — Correio Oficial de Minas, editado em 19 e 23 de agosto de 1958 em Ouro Preto.
- 08 — CORREA, Viriato — *História da Liberdade no Brasil* — Rio de Janeiro — MEC/Civilização Brasileira S/A — 1974.
- 09 — D'ALBUQUERQUE, A. Tenório — *A Maçonaria e a Grandeza do Brasil* — Rio de Janeiro — Gráfica Editora Aurora Ltda.
- 10 — D'ALBUQUERQUE, A. Tenório — *A Maçonaria e a Independência Mineira* — Rio de Janeiro — Gráfica Editora Aurora Ltda.
- 11 — GOMES, Manoel — *A Maçonaria na História do Brasil* — Rio de Janeiro — Gráfica Editora Aurora Ltda — 1975.
- 12 — GONZAGÁ, Tomás Antonio — *Os Melhores Poemas* — São Paulo — Global Editora — 1983.
- 13 — HOLANDA, Sérgio Buarque de — *História da Civilização Brasileira — A Época Colonial — O Brasil Monárquico — Volume 1 e 2* — São Paulo — difusão europeia do Livro — 1973.
- 14 — JORGE, Fernando — *O Aleijadinho* — São Paulo — DIFE (Difusão Editorial S/A) — 1984.
- 15 — JÚNIOR, Augusto de Lima — *A Capitania das Minas Gerais* — Belo Horizonte — Editora Itatiaia Ltda/Editora da Universidade de São Paulo. — 1978.
- 16 — JÚNIOR, Augusto de Lima — *História da Inconfidência de Minas Gerais* — Belo Horizonte — Editora Itatiaia Ltda — 1968.
- 17 — JÚNIOR, Augusto de Lima — *O Amor Infeliz de Marília e Dirceu* — Rio de Janeiro — Editora À Noite S/A — 1936.
- 18 — MEIRELES, Cecília — *Romanceiro da Inconfidência* — Rio de Janeiro — Civilização Brasileira S/A — 1981.
- 19 — MORAES, Dr. Alexandre José de Mello — *História do Brasil — Reino e Brasil — Império — Tomo I* — Rio de Janeiro —

- Tipografia do Pinheiro e Companhia – 1871.
- 20 – POMBO, José Francisco da Rocha – *História do Brasil – Volume VI* – Rio de Janeiro – Benjamim de Aguiar – Editor – 1905.
- 21 – POSSOLO, Oscar Burgos – *Dez Vidas ... e uma força* – São Paulo – Editora A Gazeta Maçônica. S/A – 1970.
- 22 – SALLES, Fritz Teixeira de – *Vila Rica do Pilar* – Belo Horizonte – Editora Itatiaia Ltda/Editora da Universidade de São Paulo – 1982.
- 23 – SANTOS, Joaquim Felfcio dos – *Memórias do Distrito Diamantino* – Belo Horizonte – Editora Itatiaia Ltda/Editora da Universidade de São Paulo – 1976.
- 24 – SANTOS, Lúcio José dos – *A Inconfidência Mineira* – São Paulo – Escolas Profissionais do Liceu Coração de Jesus – 1927.
- 25 – SILVA, Joaquim Norberto de Souza e – *História da Conjuração Mineira – Volumes 1 e 2* – Rio de Janeiro – Imprensa nacional (Ministério da Educação e Saúde – INL) – 1948.
- 26 – VASCONCELOS, Diogo – *História Média de Minas Gerais* – Belo Horizonte – Editora Itatiaia Ltda. – 1974.
- 27 – VENTURELLI, Isolde Helena Brans – *Profetas ou Conjurados?* – Campinas – Edição da Aurora – 1982.



MAJOR FARMACÊUTICO JOÃO PAULO S. VIEIRA
– É Farmacêutico – Bioquímico, diplomado pela Universidade Federal de Juiz de Fora – MG, sendo especialista em Análises Clínicas.

Paralelamente à atividade profissional, tem se dedicado ao estudo de alguns segmentos de nossa história pátria, bem como, desenvolvido pesquisas acerca da História da Farmácia do Exército Brasileiro, tendo publicado trabalho sobre o assunto.

É membro da Academia Brasileira de Medicina Militar, Academia Brasileira de Farmácia Militar e Academia Brasileira Maçônica de Letras. Atualmente, exerce a função de chefe da 3ª Divisão de Produção – Farmacotécnica, do Laboratório Químico Farmacêutico do Exército – Rio de Janeiro.